

Breves recordações de Macario Santiago Kastner

Manuel Carlos de Brito

TEXTO EM HOMENAGEM A MACARIO SANTIAGO KASTNER (1908-1992) NO 25º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

IN HONOUR TO MACARIO SANTIAGO KASTNER (1908-1992) ON THE 25TH ANNIVERSARY OF HIS DEATH

«Temos muito que conversar»: era esta a frase com que Santiago Kastner frequentemente se despedia após algum encontro fugaz em que sempre me convidava para o visitar. E de facto, das primeiras coisas de que me recordo quando penso nele é do seu talento de conversador. O seu modo de ser e de pensar era tudo menos o de um académico formalista e pomposo. Dentro e fora das aulas saltava com facilidade de uns assuntos para outros, com a liberdade de espírito e capacidade de estabelecer nexos e relações de uma pessoa verdadeiramente culta. Pertencendo embora a uma geração de musicólogos muito marcada pelo positivismo e pela historiografia nacionalista, a sua visão musicológica era, à sua maneira, um prenúncio muito pessoal de uma musicologia mais aberta e moderna que dava ainda os primeiros passos nos anos setenta do século passado. Nas suas cartas (das quais conservo algumas que não consegui infelizmente reencontrar neste momento) quase que ouvimos o mesmo característico sotaque com que falava umas oito línguas, que misturava com gosto na sua escrita com a desculpa de que procurava sempre o *mot juste*, usando uma cor diferente para cada uma delas. A mordacidade – por vezes excessiva – com que se referia, tanto de viva voz como por escrito, a certas pessoas, por algumas das quais tinha aliás genuína amizade, dificultaria decerto a sua eventual publicação. Quando no meio das suas conversas se lançava por esse caminho, não resistia a perguntar-lhe com falsa ingenuidade: «Mas ó Santiago, isso ainda é musicologia?», o que o levava a esboçar um sorriso algo contrafeito.

Ao seu gosto pela *petite histoire* juntava-se o gosto epicurista pela boa cozinha e pela boa bebida, a que dava largas nos memoráveis jantares para que convidava, de vez em quando, os seus amigos, tanto colegas como discípulos. O seu cosmopolitismo reflecte-se, por outro lado, numa

correspondência epistolar que se estendia entre muitos outros a figuras como Béla Bartók ou Igor Stravinsky, e recorde-me como se referia com certo orgulho ao facto de, quando Paul Hindemith passou por Lisboa a caminho do Estados Unidos em 1940, ter sido ao que parece o único músico de Lisboa a ir visitá-lo no seu hotel. As críticas musicais que publicou nos anos quarenta, em que estabelece por vezes interessantes paralelos entre as obras de compositores portugueses da época e as dos seus contemporâneos estrangeiros, são também um testemunho de uma cultura musical vasta e cosmopolita que era rara no acanhado e provinciano meio musical português de então.

Uma das coisas que me impressionou quando fui estudar para Inglaterra e poucos anos volvidos comecei a participar em congressos e reuniões internacionais foi o facto de, ao ser apresentado a colegas mais velhos com a informação de que vinha de Lisboa, muitos deles me perguntarem por Santiago Kastner. Entre vários exemplos, recorde-me do meu encontro com a Professora Anna Amalie Abert, filha do famoso Hermann Abert, num pequeno congresso na Universidade de Münster em 1989, e do seu grande interesse em ter notícias dele. Fiquei então em saber que em criança Kastner tinha sido visita em sua casa e brincado com ela e os irmãos. Anna Amalie era de facto somente dois anos mais velha do que ele. Este caso de uma relação familiar que remontava à infância é decerto excepcional, apesar da coincidência de ambos se terem tornado musicólogos, ela na esteira do pai. Mas o interesse e a estima de muitos outros colegas – com particular relevo como é compreensível para os espanhóis – demonstravam até que ponto a sua personalidade e o seu trabalho se tinham tornado conhecidos e respeitados internacionalmente. Num artigo que publiquei na *Acta Musicologica* em 1984 (na sequência do que ele mesmo publicara na mesma revista vinte e tal anos antes)¹ referia-me a ele nestes termos:

Santiago Kastner was the first musicologist who was able to set the development of Portuguese music against the wider context of European music. Based on a vast and eclectic culture and profound musicological knowledge, his analyses and hypotheses are usually brilliant and stimulating, even when they cannot be fully substantiated by present documentary evidence. He has certainly set new standards for musical scholarship in Portugal, and one can only lament that he was never offered the opportunity to put them at the service of training young Portuguese musicologists in a proper academical context.²

Recorde-me de ele se referir na altura, num tom de leve e amigável censura, ao facto de eu não achar que as suas conclusões fossem suficientemente apoiadas em provas documentais. É óbvio que

¹ Manuel Carlos de BRITO, «Musicology in Portugal since 1960», *Acta Musicologica*, 56/1 (1984), pp. 29-47; Macario Santiago KASTNER, «Veinte años de musicología em Portugal (1940-1960)», *Acta Musicologica*, 32/1 (1960), pp. 1-11.

² BRITO, «Musicology in Portugal» (ver nota 1), p. 37.

o que eu tinha escrito era que, em minha opinião, isso de facto nem sempre acontecia, o que me remete mais uma vez para o que escrevi no início, e que tem a ver quanto a mim com o seu percurso academicamente informal, por um lado, e com a sua própria personalidade por outro, relativamente pouco virada para minudências eruditas, sem prejuízo da aturada pesquisa documental que tinha desenvolvido em locais recônditos de Espanha e Portugal. Algo que se pode dizer que partilhava até certo ponto com outros colegas da sua geração, mas que no caso dele era compensado pelo brilho das ideias a que me refiro no meu artigo.

Conheci Santiago Kastner nos finais de 1975, numa altura em que, regressado no início do ano do serviço militar em África, me encontrava numa encruzilhada da minha vida que não era ajudada pelo clima que se vivia então em Portugal. Em conversa com o meu grande amigo Francisco Brito e Cunha, que era nessa altura Presidente do Conselho Directivo da Escola de Música do Conservatório Nacional, sobre os meus interesses e perspectivas de futuro, este sugeriu-me que frequentasse o Curso Livre de Musicologia que Kastner iria leccionar em sua própria casa, onde (como ele próprio dizia) tinha todos os livros e partituras necessários para as suas aulas. Éramos quatro alunos, sendo os outros três as professoras Graziela Cintra Gomes, Pilar Torres Quinhones Levy e Maria Amélia Abreu. Bastante mais novo que elas, tive um dia a infeliz ideia de comentar que me sentia como o menino Jesus entre as doutoras, o que me lembro que não caiu muito bem.

As aulas eram, como seria de esperar, bastante informais e pouco sistemáticas – algo que acho que herdei talvez um pouco do meu mestre, mas infelizmente sem o brilho que o caracterizava. Interessado pela música antiga e tendo até aí trabalhado com coros amadores, foi um novo mundo que se começou a abrir para mim, no qual para lá da recuperação e interpretação da música do passado, se falava dos seus contextos históricos nas suas mais variadas facetas. Não me lembro se esta ideia partiu originalmente de mim ou dele próprio, mas à medida que me ia conhecendo melhor Kastner começou a sugerir – ou a apoiar a ideia – de eu tentar ir estudar musicologia no estrangeiro, uma vez que essa área académica continuava a não existir nas universidades portuguesas. Concorri assim em 1976 a bolsas de estudo na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, apoiado entre outras pelas valiosas cartas de recomendação de Santiago Kastner. No último caso tive de me submeter aos GRE (Graduate Record Examinations) escritos, tanto geral como especializado, que realizei no antigo Centro Cultural Americano na Avenida Duque de Loulé. Kastner e o meu antigo professor Artur Santos disponibilizaram-se amavelmente para os supervisionar.

Das várias alternativas que me foram propostas, acabaria por escolher a frequência do Mestrado em Musicologia Histórica do King's College da Universidade de Londres, como bolseiro do British Council, a que se seguiria a partir de 1977 a inscrição para doutoramento na mesma Universidade com uma bolsa do governo português. Deu-se a feliz coincidência de apanhar a então Faculdade (posteriormente despromovida pelo thatcherismo a Departamento) de Música do King's College

num momento particularmente brilhante e internacional da sua existência, com a presença de figuras da envergadura de Pierluigi Petrobelli, Reinhard Strohm e Thomas Walker.

Durante os três anos que estudei em Londres permaneci em contacto escrito – e em alturas de férias de viva voz – com Santiago Kastner, cujo estímulo e interesse pelo meu progresso académico se manteve sempre constante. Foi também ele que, em 1979, me informou da vaga que ia abrir para professor de História da Música no Conservatório do Porto e me convenceu a candidatar-me ao lugar, levando-me a concorrer a provas públicas perante um júri por ele presidido e que consistiram numa aula sobre Corelli, outra sobre Olivier Messiaen, e um ensaio escrito sobre Handel.

Para além dos muitos méritos do seu trabalho pioneiro (independentemente das críticas que hoje, em retrospectiva, é naturalmente possível fazer-lhe, como será em breve se não o é já, fazê-las ao trabalho da minha geração)³ e do muito que lhe ficou a dever a música antiga portuguesa e a sua historiografia, há ainda um outro aspecto da personalidade de Santiago Kastner que gostaria de sublinhar aqui: a sua grande generosidade para com os seus alunos, o respeito e carinho que lhe merecia o trabalho deles, e o interesse com que continuava a acompanhar o seu posterior percurso autónomo.

³ A crítica ao trabalho da geração dos pioneiros da musicologia em Portugal no século XX, de que ele foi seguramente o mais notável representante, deve certamente debruçar-se sobre as suas perspectivas teóricas e metodológicas, mas não pode esquecer também as condições concretas em que esse trabalho se desenvolveu, particularmente pelo que se refere aos recursos e facilidades de pesquisa, que estavam a uma distância abissal dos que estão disponíveis hoje em dia.